

RABISCOS DE UM ESCREVINHADOR

Nesta seção reproduzimos algumas das crônicas semanais publicadas pelo responsável por esta publicação em “A Federação”, jornal da vizinha cidade de Itu. Para identificação e referência bibliográfica, indicam-se as datas em que foram publicadas.

398. O IMPERADOR E O INSTITUTO HISTÓRICO

O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro é uma instituição intimamente ligada ao nosso segundo Imperador, pois foi sob o seu patrocínio que ele se fundou em 1838, ainda ao tempo da menoridade. O monarca sempre o prestigiou, freqüentando assiduamente suas sessões, não só presidindo-as, mas participando ativamente de seu trabalhos. Só deixava de comparecer quando em viagem ou quando suas condições de saúde não eram satisfatórias. Mas, isto poucas vezes ocorreu. Basta dizer que presidiu a quinhentas sessões das quinhentas e vinte que se realizaram durante o seu longo reinado.

Comprazia-se o Imperador com a presença dos historiadores, muitos deles figuras de sua “entourage”, a todos prestigiando com sua amizade e dedicação. “Durante meio século - escreveu Max Fleiuss - a veneranda figura de D. Pedro II desempenhou o papel de inteligente guia e anjo tutelar do Instituto, cujos ideais e realizações favoreceu sempre benévola e generosamente”. Tornou-se, assim, o venerando Instituto não só a “Casa da Memória Nacional” (como tem sido chamado), mas igualmente a “Casa de D. Pedro II”, pois foi no próprio paço imperial que se realizaram as primeiras reuniões da benemérita Instituição.

As referências a D. Pedro II respigadas ao longo da preciosa revista do Instituto dariam volumes. E como se não bastasse, dedicou-lhe, ainda, o Instituto tomos especiais da revista por ocasião do centenário de

seu nascimento, em 1925. Um deles, reunindo em mais de mil páginas os trabalhos publicados na imprensa do Rio de Janeiro no dia 2 de dezembro daquele ano, notadamente em “O Jornal”, importante órgão não mais existente da imprensa carioca. Só a colaboração de “O Jornal” ocupou mais de quinhentas páginas do belo volume que o Instituto editou. Mas, além desse alentado tomo que guardou para a posteridade valioso material que de outra forma se teria perdido, esparso em jornais que pouca gente guarda e que acabaria, com o tempo, se tornado de inviável consulta, editou, ainda o Instituto, como sua própria colaboração, e à qual emprestaram o brilho de suas penas algumas das maiores figuras de nossas letras históricas, uma preciosa obra, em três volumes, intitulada “Contribuições para a biografia de D. Pedro II”. Vale assinalar que os dois primeiros volumes dessa obra foram totalmente ocupados com o valioso estudo de Pandiá Calógeras sobre “A Política Exterior do Império”, inegavelmente sua maior obra, mas que o autor deixou inacabada, pois faleceu quando começava justamente a tratar do Segundo Reinado. Vale assinalar, ainda, que foi como um capítulo desse volume especial que se publicou pela primeira vez outra das obras máximas da historiografia brasileira, qual “O caso do Império”, de Oliveira Viana.

E mesmo no exílio, vivendo em França, continuou D. Pedro II a interessar-se pelo velho sodalício fluminense, como o demonstra a sua correspondência com o Visconde de Taunay. Eis um dos traços característicos de nosso segundo Imperador: seu interesse pelos estudos históricos. 24-8-1992.

399. EVOCANDO COUTO DE MAGALHÃES

Do General Couto de Magalhães talvez seja mais fácil dizer o que ele não foi. De fato, poucas pessoas em nosso país terão a seu favor uma gama tão variada de serviços prestados ao Brasil e nas mais variadas áreas e dimensões, abrangendo a geografia, a história, a etnografia, a política, a linguística, a administração, o sertanismo, a literatura, demonstrando em todos esses setores a mais reconhecida competência e dedicação. Presidiu a diversas províncias - Goiás, Pará, Mato Grosso (esta, por ocasião da Guerra do Paraguai) e São Paulo, da qual foi o último

presidente no regime monárquico, sendo surpreendido no governo pela proclamação da República.

Nascido em Diamantina a 1º de novembro de 1837, faleceu no Rio de Janeiro a 14 de setembro de 1898, contando pouco mais de sessenta anos. Estudou no Seminário de Mariana, na Escola Militar do Rio de Janeiro e na Faculdade de Direito de São Paulo, pela qual se diplomou em 1860. Pouco se valeu dos estudos jurídicos, pois suas atenções foram voltadas preferentemente pelas explorações geográficas, pelos problemas de comunicação interna no país, pelas numerosas tribos indígenas, nas quais estudou preferencialmente suas línguas.

Quando presidiu a província de Goiás, o contato com aquela região fê-lo acreditar nas imensas possibilidades econômicas que o rio Araguaia poderia oferecer, se convenientemente aproveitado. O interesse pelo grande rio, de que se tornou verdadeiramente entusiasta, levou-o a abordar outros assuntos relativos à economia e à geografia do Brasil Central e, conseqüentemente, sua obra tornou-se de consulta obrigatória para o estudo daquelas vastas regiões do Brasil interior.

Publicado originalmente em 1863, na própria capital goiana, a “Viagem ao Araguaia”, ampliada, foi reeditada na preciosa coleção “Brasiliana”, em 1934. Igualmente significativo é seu livro “O Selvagem”, publicado originalmente em 1876 para figurar na “Biblioteca Americana”, organizada em Filadélfia para comemorar o centenário da independência dos Estados Unidos. Seu livro tinha, como subtítulo: “Trabalho preparatório para aproveitamento do selvagem e do solo por ele ocupado no Brasil”. A partir de uma segunda edição, tirada em 1913, “O Selvagem” passou a incluir, em apêndice, a conferência sobre “Anchieta, as raças e as línguas indígenas”, escrita para as comemorações do tricentenário da morte de Anchieta, em 1897, mas que não chegou a ser proferida, mas foi incluída no volume comemorativo daquela significativa efeméride. A última edição de seu grande livro encontra-se na preciosa coleção “Reconquista do Brasil”, da Editora Itatiaia, de Belo Horizonte (1974). Seus dois livros que aqui mencionamos ligeiramente, incluem-se entre as obras mais recomendadas para o conhecimento interior de nosso país. 14-9-2002.

400. PARA O CONHECIMENTO DE UM OUTRO EUCLIDES

Feliz, sob todos os aspectos, a iniciativa do Professor José Luiz Pasim dando à estampa uma verdadeira antologia tendente a nos mostrar um outro Euclides da Cunha, qual seja o Euclides valeparaibano, revelador do interesse do escritor por essa importante porção do Estado de São Paulo (Lorena, Unisal, 2002). Não há cidade da região que não apresente algum traço euclidiiano, algo do seu trabalho de engenheiro, que nos leva, por instantes, a esquecer o Euclides estereotipado de “Os Sertões”. Aliás, isto nos leva a considerar algo que nos parece significativo, no apreço que todos nós temos pelas obras máximas de determinados autores, como se eles não tivessem escrito outras coisas. Não queremos dizer que tais obras primas devam ser menosprezadas ou mal julgadas. De modo algum. Euclides será sempre o autor de “Os Sertões”, como Gilberto Freyre será o de “Casa Grande e Senzala” e Sérgio Buarque de Holanda o de “Raízes do Brasil”. Mas, por exemplares que sejam essas obras (e são!) nenhuma dela é capaz de nos dar um retrato de corpo inteiro de seus autores. Para o conhecimento desse “retrato” é necessário procurar outras obras por eles deixadas. No caso de Euclides: “À margem da História” e “Contrastes e Confrontos”.

No caso de nosso autor, impõe-se a não separação do escritor e do engenheiro, que ele foi quase que a vida toda. Assim, o livro de nosso confrade de Roseira, tendo mesmo como sub-título “O Engenheiro Euclides da Cunha no Vale do Paraíba”, mostra-nos os dois anos de 1902 e 1903 em que ele viajou por essa extensa região, sem deixar uma cidade sequer sem a marca de sua passagem, “construindo pontes, levantando prédios, elaborando relatórios”. Mais ainda: informa-nos o autor que, de Lorena, Euclides “escreveu dezenas de cartas a amigos que falam da paisagem, da terra e das tradições da região por ele percorrida e trabalhada, deixando transparecer uma grande ternura pelo Vale do Paraíba”.

Conhecedor como poucos da história valeparaibana, Pasim não teve dificuldades na escolha dos temas e dos colaboradores para nos transmitir esta antologia reveladora de um outro Euclides.

Quanto a São Paulo (fora o Vale do Paraíba) a não ser São José do Rio Pardo que conserva por Euclides um carinho todo especial, homenageando-o anualmente com uma expressiva Semana Cultural com a

participação constante de grandes figuras da intelectualidade brasileira, não se tinha notícia da presença de Euclides em outras regiões do Estado. Esta lacuna vem de ser preenchida com a contribuição de um dos colaboradores de Pasin, nosso preclaro amigo Hélio Damante, cujo capítulo para o livro que estamos comentando trata precisamente da presença euclidiana em outras regiões do interior paulista, o que nos leva a afirmar ser rara, portanto, a cidade de nosso Estado que não traga alguma marca do ínclito autor de seu famoso livro já centenário. 5-10-2002

401. UM FRANCÊS A QUEM MUITO DEVE O BRASIL

Já por diversas vezes temos ocupado nosso espaço com a evocação de alguns estrangeiros aos quais, por diversas razões, muito ficou devendo o nosso país. Lembramos, no momento, o botânico sueco Loefgren e o astrônomo belga Cruis. Ocorre-nos evocar nesta nota mais um, o geólogo e mineralogista francês Henri Gorceix (1842-1919). Seu nome está vinculado a uma das mais importantes realizações do Segundo Reinado, qual a fundação em Ouro Preto de sua famosa Escola de Minas. Gorceix veio ao Brasil a convite de D. Pedro II, aqui chegando em 1874. Não permaneceu muito tempo em nosso país, pois regressou à Europa em 1891, mas deixou uma obra que, cientificamente, promoveu o nome do Brasil na história da Ciência.

O local mais adequado para a fundação de uma escola dessa natureza seria, de fato, Minas Gerais, a mais importante região “mineralógica” de nosso país. Assim, foi em Ouro Preto, então capital da província mineira, o local escolhido por Gorceix para o seu empreendimento. E durante muito tempo a escola fundada pelo geólogo francês foi a única dessa natureza em toda a América do Sul, o que explica a freqüência de estudantes de outros países. E no Brasil não houve engenheiro de minas, geólogo ou mineralogista que não proviesse da Escola de Ouro Preto. Todos eles acabaram vinculando seus nomes a organismos técnicos como os Serviços Geológicos Federal ou Estaduais ou aos institutos universitários onde se ministrasse o ensino da geologia e da mineralogia.

Fernando de Azevedo, em sua obra máxima sobre a cultura brasileira, situou com propriedade a importância de obra realizada no Brasil

pelo mestre francês: “empenhado desde as suas origens a fazer dela não só um estabelecimento de ensino profissional, mas um centro de pesquisa e de trabalho científico”. Mas, reconhece que o isolamento da escola, longe dos centros culturais do país não deixou de ter sua inconveniência para que a escola alcançasse plenamente seus objetivos.

Por sua vez, Sílvio Fróes de Abreu, apreciando de maneira objetiva a obra de Gorceix, reconhece nele “um dos mais eminentes amigos do Brasil e um dos mais competentes perscrutadores das rochas e dos minerais de nosso subsolo”.

Sediada no antigo palácio dos governadores, a Escola de Minas de Ouro Preto, bem no centro da cidade, constituiu sempre um dos mais importantes atrativos turísticos da antiga Vila Rica. Resumindo esta modesta nota, não nos parece fora de propósito lembrar que o dia de hoje, 19 de outubro, assinala o nascimento de Gorceix, em Limoges, no ano de 1842. 12-10-2002

